

## **Enciclopédia digital em língua minoritária: para quê isso?**

### **Enciclopedia digital en lengua minoritaria: ¿para qué?**<sup>1</sup>

Wilmar R. D'Angelis (UNICAMP) e Selvino Kókáj Amaral (KAMURI, UNICAMP<sup>2</sup>)

wilmar.unicamp@gmail.com, indio.selvino@gmail.com

#### **Introdução**

Em 2008 um grupo de jovens e professores kaingang, incentivados e apoiados pela ong KAMURI e pelo Grupo de Pesquisa InDIOMAS, colocaram na web o primeiro site totalmente em língua indígena no Brasil: o "Kanhgág Jógo" = "teia kaingang" (www.kanhgag.org). Nos anos seguintes, uma das funcionalidades criadas neste site foi um ensaio de enciclopédia digital: a Vĩkikepě, que prosperou por um período de poucos anos até estagnar em torno de 320 verbetes. A presente comunicação discute a exploração, assim como a gênese, de gêneros textuais não convencionais em línguas de tradição oral quando associadas ao recurso da escrita, e aponta razões que justificam a criação e o desenvolvimento de enciclopédias digitais em línguas minoritárias.

Palavras-chave: enciclopedia digital; tradición oral; escrita; memoria

#### **Situação sociolinguística do kaingang**

Os kaingang distribuem-se por mais de 30 terras indígenas nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Falam uma língua da família Jê e tudo indica que, vindo do norte e trazendo aquela língua do tronco Macro-Jê (talvez no começo da nossa era), associaram-se e fundiram-se com populações caçadoras-coletoras que já habitavam, há pelo menos 12 mil anos, as florestas do Sul do Brasil.

Já em 2000, D'Angelis e Veiga, ao analisar a realidade do bilinguismo nas comunidades kaingang, estimavam que em torno de 40 a 45% da população kaingang já não falava a língua indígena. Estimativa semelhante encontra-se em D'Angelis (2002) que, na verdade, é um texto de 1996.

---

<sup>1</sup> Comunicação aceita para apresentação na XII RAM (Reunião de Antropologia do Mercosul), **GT 49**: Cruces entre etnografía y sociolingüística: los hablantes de "otras" lenguas, sus prácticas e ideologías lingüísticas.

<sup>2</sup> Professor Visitante Especialista (2o sem. 2017)

Efetivamente, o censo nacional do IBGE, em 2010, apontou uma população total kaingang de 37.470 pessoas, e contabilizou um total de 22.027 falantes da língua indígena entre eles (na faixa etária acima de 5 anos de idade).

Parte dessa perda linguística foi atribuída – por D'Angelis e Veiga (2000) e também por D'Angelis (2002) – ao tipo de ensino bilíngue introduzido pelo Summer Institute of Linguistics na década de 1970. Outra parte se deve aos casamentos interétnicos com não-indígenas.

Apesar dessa perda, a língua kaingang é a terceira maior língua indígena, em número de falantes, o território brasileiro, como revelou o censo do IBGE (2012). No entanto, essa vantagem quantitativa com respeito a outras línguas indígenas no país não torna menos preocupante a situação da língua kaingang no presente, nem suas perspectivas de futuro. Felizmente, a língua kaingang também está entre as pioneiras, no Brasil, a contar com iniciativas voltadas ao seu fortalecimento, isso desde meados da década de 1990.

Dentre essas iniciativas, no presente trabalho nos debruçamos a analisar uma em particular, na qual ambos os autores temos intensa participação e responsabilidade: o Projeto Web Indígena e o site *Kanhgág Jógo*.

### **Do índio na *web* à *web indígena***

Um de nós já registrou, em texto de 2011, que

a inclusão digital, como qualquer introdução tecnológica, é equivocada e, com frequência, prejudicial às comunidades atingidas ou envolvidas, quando se trata de um gesto unilateral, decidido fora das comunidades e sem que haja interesse manifestado por elas. Nesse caso estamos falando realmente de invasão cultural. (D'Angelis 2011)

E adiante, seguindo a mesma reflexão:

qualquer “inclusão passiva” é uma invasão cultural. O que chamo de “inclusão passiva” de um elemento cultural é aquela intromissão na cultura que se faz por interesse de fora dela e voltada a satisfazer esses interesses alienígenas.

Ao contrário disso, o Projeto Web Indígena – iniciado em 2008 a partir do trabalho com um grupo de professores e jovens indígenas de três terras indígenas do Rio Grande do Sul: Guarita, Iraí e Inhacorá – propõe-se a promover a “inclusão digital pró-ativa” da língua kaingang e de suas comunidades falantes.

Os fundamentos dessa proposta encontram-se nas reflexões de D'Angelis (2002, 2007, 2011), sobretudo quando trata da sobrevivência das línguas minoritárias no Brasil. Os principais aspectos envolvidos são:

- a veiculação da língua indígena (não como mera curiosidade, mas em uso real) em suportes<sup>3</sup> que carregam prestígio, como são as ferramentas ligadas às tecnologias de informação e comunicação.

- a criação de contextos de situações sociais relevantes e de prestígio social em que a língua indígena seja efetivamente usada.

- o estímulo à produção escrita em língua indígena, como forma de estimular sua modernização e contribuir ao seu fortalecimento.

### ***Kanhgág Jógo (Teia Kaingang)***

O site *Kanhgág Jógo*,<sup>4</sup> ativo na internet desde dezembro de 2008,<sup>5</sup> é simplesmente o primeiro (e, ainda, único) *website* totalmente em língua indígena no Brasil. Ele foi desenvolvido como a primeira experiência do chamado Projeto Web Indígena, uma criação em parceria da ong KAMURI<sup>6</sup> com o Grupo de Pesquisa INDIOMAS<sup>7</sup>.



Grupo de falantes kaingang de Guarita, Iraí e Inhacorá que deu início ao site *Kanhgág Jógo*, em dezembro de 2008. Na extrema direita, em pé, Selvino Amaral, um dos autores deste artigo.

---

<sup>3</sup> "Suporte ou portador é o meio físico ou virtual que serve de base para a materialização de um texto. Atualmente existem vários tipos de suporte: jornal, revista, *outdoor*, embalagem, livro, *software*, *blog*, etc. Enviar um e-mail ou postar uma carta no correio? Escrever um diário ou produzir um *blog*? Essas são perguntas cujas respostas envolvem, necessariamente, a escolha de um ou de outro tipo de suporte e de gênero textual. Isto porque texto e suporte são inseparáveis – não existe texto sem suporte" (Vieira, s/d).

<sup>4</sup> [www.kanhgag.org](http://www.kanhgag.org)

<sup>5</sup> Na construção e hospedagem inicial do site foi decisivo o apoio generoso da empresa Chuva Inc.

<sup>6</sup> Kamuri - Indigenismo, Ação Ambiental, Cultura e Educação: [www.kamuri.org.br](http://www.kamuri.org.br)

<sup>7</sup> INDIOMAS - Conhecimento de línguas indígenas e de línguas de sinais na relação Universidade & Sociedade, credenciado no CNPq desde 2008.

Foi desenvolvido em forma colaborativa, e todo seu funcionamento baseia-se nesse princípio: falantes do kaingang que tenham interesse, podem cadastrar-se diretamente no site, obter um *login* ("jyjy") e, a partir disso, contribuir com postagens em qualquer das seções existentes.<sup>8</sup> Todo o conteúdo postado é livre para consulta a qualquer pessoa que acesse a *web*; apenas as postagens é que dependem de uso de um "jyjy".

O site conta com seções de notícias, fotografias, vídeos, relação e descrição das aldeias, e uma listagem colaborativa de nomes indígenas kaingang. E um dos importantes e inovadores espaços disponíveis do portal *Kanhgág Jógo* responde pela opção "Vikikepê" no menu principal. Trata-se de um ensaio piloto de uma enciclopédia, de que trataremos na próxima seção.

### **Vikikepê: experiência para uma enciclopédia**

Vikikepê<sup>9</sup> é uma forma alterada e condensada de "Ëg vĩ pẽ ki ke", "*ditofeito na nossa própria língua*" (que busca uma aproximação com o nome *Wikipédia*).

Sua principal motivação é a ideia de que não basta disponibilizar textos escritos em língua indígena na *web*, mas que é preciso que tais textos sejam de interesse, que contenham informação relevante, que sejam úteis para os potenciais usuários. Em outras palavras, que não seja um mero uso folclórico da língua (talvez para deleite dos não-índios), mas seja, efetivamente, um uso social relevante e, portanto, de utilidade para os falantes nativos.

A importância disso é óbvia: se há um espaço – e, mais ainda, um espaço socialmente prestigiado – no qual o conhecimento da língua indígena é indispensável para o acesso a informações de interesse (pesquisa escolar, informação para carreira acadêmica, materiais para consulta ou uso de professores indígenas, etc.), isso empodera a língua indígena e contribui para uma representação muito positiva dela perante os falantes nativos, sobretudo os mais jovens.

Por isso, também, não se tratou de criar uma seção de "histórias tradicionais" ou algo nesse estilo. A proposta de uma enciclopédia é, justamente, motivar os falantes e potenciais escritores indígenas a discutir ou registrar qualquer assunto em sua língua

---

<sup>8</sup> Há duas exceções: a seção "Tugnỹm vén ra" (*Veja com atenção*), que se constitui apenas de um texto que é a política definida para o *site* (não se pode publicar em português, não se pode usar para propaganda religiosa ou político-partidária, etc.) e a seção "Ëmã kar" (*Todas as Aldeias*), que só pode ser acrescentada ou editada por um grupo de "super-editores", ou seja, gestores do site que tem maiores privilégios e responsabilidades.

<sup>9</sup> Pronuncia-se: [wĩkikepẽ].

ancestral. Não há impedimento de que se coloquem, nessa *Viki*, verbetes tratando de temas da cultura, da história ou mesmo da própria língua indígena (como mostraremos a seguir), mas ao lado deles, há questões sociais relevantes, como os problemas do alcoolismo e dos agrotóxicos, bem como informação científica, geográfica e histórica, ao lado, ainda, de generalidades, como algumas pequenas biografias de pessoas célebres na atualidade.

A *Vikikepê* praticamente parou de ser alimentada há cerca de dois anos. Até ali, acumulou entre 300 e 350 verbetes. Um dos motivos de sua descontinuidade provisória foi a decisão de se construir um site específico, com um projeto ambicioso de efetivamente constituir uma Enciclopédia Digital Kaingang. Infelizmente, a busca por apoio financeiro a esse projeto não foi profícua, desde então, e os falantes kaingang mais motivados para o empreendimento continuam aguardando a possibilidade de sua efetivação.

Nas pouco mais de três centenas de verbetes produzidos para a *Vikikepê*, encontram-se:

- perto de cinco dezenas a respeito de elementos da flora dos territórios kaingang;
- em torno de duas dezenas de verbetes sobre "personalidades kanhgág" (atuais, recentes ou históricas), como: Cacique Nonoai e Cacique Condá, do século XIX; Cacique Xangrê, do século XX.
- em torno de duas dezenas de verbetes sobre "personalidades não-indígenas", ou seja, do mundo dos brancos, como: Barack Obama, Beethoven e Bruce Lee, internacionais; Lula, Dilma e Gisele Bündchen, do Brasil.
- duas dezenas de verbetes sobre aspectos ou elementos da língua kaingang;
- perto de duas dezenas de verbetes sobre elementos da flora regional;
- pelo menos uma dezena e meia de verbetes sobre alimentos tradicionais kaingang;
- uma dezena ou mais de verbetes sobre elementos da cultura material tradicional kaingang, e outro tanto sobre elementos de cultura imaterial;
- uma dúzia de verbetes sobre terras kaingang ou aldeias específicas desse povo;
- uma dezena de verbetes sobre outros povos indígenas, que não Kaingang;
- meia dúzia de verbetes sobre temas de Astronomia;
- quase uma centena e meia de verbetes com temas de cultura geral, como a bandeira do Brasil, a fabricação de cervejas, o dinheiro, cortes de cabelo, times de futebol, jogo de xadrez, vícios e outros malefícios do mundo dos não-índios.

### **Novos gêneros textuais: enriquecer a língua**

O projeto piloto de uma "enciclopédia" digital colocou a necessidade da experimentação, pelos indígenas kaingang, de um gênero textual não desenvolvido anteriormente em sua língua. A própria notícia, um gênero também introduzido com o uso do site *Kanhgág Jógo*, foi ganhando forma própria ao longo dos anos de seu emprego. No início, muitas notícias ou qualquer texto recebia a marca da expressão "*vãme*", "*história, fala*".<sup>10</sup>

Haverá quem – em uma avaliação superficial e simplista – considere que a língua indígena poderia estar se empobrecendo, influenciada pela adoção de gêneros textuais desenvolvidos em outras línguas e culturas. Uma avaliação assim é própria de leigos no campo da linguagem, que desconhecem a complexidade das relações entre oralidade e escrita. Escrita nenhuma substitui a oralidade (basta ver a cultura brasileira, predominantemente oral), e a prática de copiar e adaptar gêneros textuais desenvolvidos em outras culturas é um fenômeno universal. No limite, pode-se dizer que não existiria literatura em língua portuguesa se não houvesse acontecido a imitação de gêneros criados e desenvolvidos em outras línguas. E apesar desse "pecado original", quem negará que Machado de Assis ou José Saramago são gênios e criadores de literatura (em língua) portuguesa?

Ao contrário de empobrecer-se, toda língua (indígena ou não) se enriquece desenvolvendo outros gêneros textuais possibilitados pelos novos usos surgidos com a ferramenta da escrita. Nunca será possível a mera imitação; sempre haverá, mesmo que de forma totalmente inconsciente, ajuste e adaptação, aclimatação e incorporação de "cor local". A oralidade também não está imune a novos recursos. Por exemplo, o gosto pelo futebol e a existência do rádio fazem surgir a "transmissão esportiva", que jamais será igual de uma língua para outra.

O fato é que a escrita abre outras possibilidades de expressão e de usos e, com isso, empodera a língua indígena. Não concorre com a oralidade, e jamais se poderá dizer que a escrita é melhor do que a oralidade. No mundo fora das relações com a sociedade nacional, a escrita se mostra dispensável para a maioria das sociedades tradicionais. Esse quadro muda radicalmente quando um povo indígena, minoritário, dominado, relaciona-se cotidianamente com a sociedade envolvente, não indígena. Ignorar isso e defender uma inconcebível "pureza" da língua indígena e da linguagem oral ("pureza"

---

<sup>10</sup> Há em torno de meia dúzia de títulos com "*vãme*" na *Víkikepẽ*. Por ex.: "*Kanhgág vĩ to vãme*".

que, aliás, nunca existiu) não contribui para fortalecer as línguas minoritárias para o embate e as pressões advindas da língua dominante.<sup>11</sup>

### **Concluindo: por Enciclopédias Digitais em línguas indígenas**

Ainda que pareça desnecessário, ao leitor inteligente, tomamos a precaução de alertar, aqui como em outros lugares, que não existem receitas "universais". Em outras palavras, não existe um "pacote" de medidas de planejamento linguístico que sirva a toda e qualquer língua minoritária carente de fortalecimento ou sob risco de desaparecimento.

Sendo assim, o que estamos defendendo no presente artigo é um tipo de ação ou iniciativa que tem enorme potencial de contribuir à modernização, ao desenvolvimento de uma tradição escrita e ao empoderamento de línguas minoritárias. Teríamos vontade de dizer, aqui, que o "bom senso" indicará os casos em que essas propostas realmente podem implementar-se com resultados positivos, e aqueles casos em que elas pareçam desaconselháveis. Infelizmente, "bom senso" não é uma qualidade bem distribuída, e vamos preferir dizer, então, que, uma boa análise, por profissionais competentes no campo da linguagem, deverá apontar quando, onde e como algumas iniciativas nessa direção podem ser efetivamente produtivas, e quando o melhor será evitá-las.

Ressalva feita, queremos defender, como potencialmente muito promissor para o empoderamento de uma língua minoritária, um projeto colaborativo de construção de uma enciclopedia digital nessa língua. Além dos pontos que já destacamos acima, ao final da seção "Do índio na *web* à *web indígena*", queremos acrescentar alguns ganhos específicos com o desenvolvimento de uma enciclopedia digital colaborativa.

1. A possibilidade de publicar, de forma rápida e sem custo para os interessados.

Uma dificuldade para o desenvolvimento de tradições escritas sempre foi o custo de publicações impressas. Muitas vezes, obras de interesse de um povo indígena eram publicadas em qualidade bastante inferior, exatamente pela falta de recursos, e isso contribuía para uma representação negativa da língua, na comparação com as ricas e coloridas publicações em língua majoritária. A publicação na *web* (em um *site* que pode contar com uma equipe de gestores e moderadores e, eventualmente, também de

---

<sup>11</sup> Um exemplo cabal desses equívocos de análise é a ideia difundida ou assumida por indigenistas e antropólogos de que a língua dos Mbyá Guarani é forte, vigorosa e a salvo de qualquer pressão da língua portuguesa. A prova do equívoco são iniciativas de jovens indígenas mbyá de produzir listas vocabulares (dicionários) onde buscam registrar e dar ao conhecimento de outros jovens, de muitos elementos lexicais de sentido religioso empregado pelos mais velhos, e já desconhecidos pela geração de jovens que frequentam a internet em seus *smartphones*.

revisores) permite que qualquer indígena possa ver seu trabalho publicado e, a partir disso, consultado, discutido e citado em outras publicações. Esse reconhecimento público é importante estímulo a novas produções ou participações, e faz da escrita em língua indígena algo real, porque socialmente relevante, e não mera atividade escolar, destinada apenas à avaliação do professor.

2. A rápida produção de uma quantidade considerável de texto em língua indígena, em razão do que foi dito acima (em 1). Sem textos na língua, para se ler, não há como desenvolver leitores e novos escritores na língua minoritária, e a alfabetização na língua indígena esbarra no problema de se tornar alfabetização sem letramento.

3. A abordagem de temas os mais variados, em áreas da cultura e da ciência igualmente os mais amplos possíveis (como é próprio de uma enciclopédia), trazem constantes – e, às vezes, enormes – desafios aos falantes-escritores nativos.<sup>12</sup> O esforço de superá-los atualiza e moderniza a língua minoritária, que assim avança sobre áreas de expressão e uso até então exclusivos da língua majoritária. Caso os falantes renunciem a isso, a etnia está fadada a depender de uma segunda língua para levar sua vida cotidiana, ou seja, decreta-se o fim da autonomia e da plena capacidade da língua minoritária.

4. Uma enciclopédia digital, pelo que significa em termos de conteúdo e pelo suporte em que se sustenta (os computadores, ou a própria *web*, onde for *on line*), tem um poder enorme de atrair os jovens e crianças indígenas e, assim, colocá-los diante do fato real de que sua língua ancestral continua sendo a língua que lhes dá acesso à compreensão do mundo.

---

<sup>12</sup> O escritor indígena (bem como o tradutor) enfrenta problemas simples, como criar formas de dizer coisas tais como "*ligação em série*" e "*ligação em paralelo*", "*corrente contínua*" e "*corrente alternada*", e problemas complexos, como criar formas para dizer "*metades exogâmicas*" e "*sociedade matriarcal*", ou "*ações paternalistas*" e "*consciência crítica*".



## Referências

- D'ANGELIS, Wilmar R. Kaingang: questões de língua e identidade. *LIAMES – Línguas Indígenas Ameríndias*, n. 2, p.105-128. Campinas: IEL-UNICAMP, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Como nasce e por onde se desenvolve uma tradição escrita em sociedades de tradição oral?* Campinas: Ed. Curt Nimuendajú, 2007.
- \_\_\_\_\_. Do índio na Web à Web Indígena. In Wilmar R. D'Angelis; Eduardo A. Vasconcelos (orgs.), *Conflito linguístico e direitos das minorias indígenas*. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú, 2011, p. 111-121.
- D'ANGELIS, Wilmar R. & VEIGA, Juracilda. *Bilinguismo entre os Kaingang: situação atual e perspectivas*. Comunicação apresentada ao IV Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. Campinas: Unicamp, setembro 1995. NE: publicado em Lúcio T. Mota et al. (Orgs), *Uri e Wáxi. Estudos interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina: Ed. da UEL, 2000, p. 307-326.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010. Características Gerais dos Indígenas. Resultados do Universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- VIEIRA, Martha Lourenço. Suportes da Escrita. In Isabel G.S. Frade et al. (orgs.), *Glossário Ceale\*. Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: CEALE (FALE-UFMG), s/d. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/suportes-da-escrita>. Acesso em 08.09.2017.